

## Fedro

---

O tema do *Fedro* não é a beleza, nem o belo, nem o amor, este último é o tema do *Banquete*, enquanto o belo (e a beleza) é tratado por Platão em *Hípias*. O tema geral do livro é a *técnica da retórica*, mas da retórica que se baseia na verdade, da *retórica que tem por base a dialéctica*. Não de uma retórica do elogio, panegirista, de adulação política, nem a de manipulação ideológica ou populista das pessoas, nem sequer a mascarada das salas de audiências dos tribunais. Estas últimas, são tratadas em *Górgias*, e para esta, nas palavras de Sócrates: *não precisa a retórica de conhecer a natureza das coisas, mas tão-somente de encontrar um meio qualquer de persuasão que a faça aparecer aos olhos dos ignorantes como mais entendida que os entendidos* (459b-c).

Ainda assim, o texto do *Fedro* enuncia em dado momento, as formas habituais e mais comuns, que estarão presentes num *discurso retórico*, referindo os seus mentores ou os seus criadores. Todavia, esses formalismos são apresentados por Sócrates como alheios à dialéctica (266d).

A *técnica do discurso*, a mais perfeita, que por isso atinge o prazer inteligível do Belo, é a que tem por base a Verdade, a Sabedoria alcançada pela dialéctica, e é só essa, que, excluindo os formalismos, se pode transformar em obra de Arte ao alcançar o Belo no patamar da *noética superior*, na *técnica do discurso*, na *Retórica*. O Belo é aqui um resultado da dialéctica, *uma consequência* de um discurso dialéctico, feito com Sabedoria. Não está aqui a ser analisado ou estudado.

Incluído no tema deste livro está além da retórica, também a *dialéctica*, como está em muitos outros livros, onde se apresenta mais viva e até palpável. Todavia, o texto do *Fedro*, não é *um texto de confronto*, não constitui um *exercício didáctico da dialéctica*, como são os diálogos de Sócrates com *Hípias* ou com *Íon*.

Este é um texto de *acompanhamento didáctico da dialéctica*, Fedro acompanha Sócrates num passeio fora da cidade e, Sócrates, acompanha o estudo que Fedro faz da retórica, dos discursos. Mas, um exemplo de um texto *dialéctico vivo*, de *confronto dialéctico*, é aqui apresentado como uma prova, ou seja, como testemunho do que é a dialéctica, do *exercício da dialéctica na retórica*.

Assim, convém sublinhar, que o texto da obra contém um discurso, o terceiro, ou, o que é o mesmo, o segundo de Sócrates, que o atribui a Estesícoro, que é um discurso retórico tendo por base a *técnica da dialéctica* (onde se realiza uma síntese dos contrários, ou opostos), um discurso que atinge o Belo, e a Sabedoria, e que se apresenta como um exemplo da *Técnica da Retórica*.

Além disso, a própria obra em si, o livro no seu todo, também tem por base a *técnica da dialéctica* aplicada ao discurso retórico e à sua análise, pois, nela são apresentados três discursos (teses) sobre o Amor, a que já nos referimos linhas atrás, e os interlocutores, passam da aprovação e elogios ao primeiro, à dúvida e à constatação da sua falta de sentido, e logo a seguir, à sua negação. Depois, com a apresentação do segundo, uma tese de sentido mais erudito, que explica o tema

pela Razão e pelo entendimento (pela *dianóia*), passa-se ao seu elogio; de seguida, com uma grande irritação e enfado de Sócrates por ter feito o discurso, e até o ter aprovado, nega-se essa tese, e demonstra-se a sua falsidade. Por fim, apresenta-se o discurso dialéctico que atinge a Verdade e a Sabedoria sobre o Amor, atingindo por consequência a essência, o esplendor da beleza do Amor, num Belo inteligível. E findos os discursos, passa-se então a uma análise e demonstração dos erros, e à análise genérica do discurso que usa a dialéctica na sua construção, uma análise levada até ao registo escrito. Questões como o Belo ou a beleza não são tratadas no *Fedro*, são apenas resultados alcançados.

Parece-nos que, assim como o *discurso*, também a *poesia* e a *pintura* (como a *escultura*) deviam apresentar no *universo grego*, e de Platão, três tipos diferentes, que pela sua clareza, não necessitavam diferenciação por parte do filósofo, sendo cada um dos diferentes tipos, correspondentes aos patamares que, em *Fedro*, são apresentados para o *discurso retórico* – (1) da *opinião*, percepção sensível (*doxa*), (2) da Razão, do necessário, do útil, adequado, etc., e (3) da *figuração* e formulação do real – e, apenas o terceiro tipo atinge o Belo inteligível – a Arte.

Platão demonstra a sua *teoria das ideias* pela sua dialéctica, numa *leitura pelo espírito da obra*, isto é, pelo *sentido da acção dramática* (a *realidade de facto*) com o seu diálogo, e pelo *sentido do texto da obra*, que *constrói a acção*, a qual se concretiza nos três discursos em causa ao longo do livro, a sua *imagem da linha dividida*, isto é, todo o desenrolar do processo de exposição e da sua concepção: (1) o primeiro discurso, o de Lísias, corresponde à concretização das suposições, da opinião (*doxa*); (2) o segundo discurso, que pouco depois Sócrates atribui a Fedro, corresponde à concretização da *dianóia*, a colocação de hipóteses a priori, (tomadas como evidentes à partida), e as deduções lógicas a partir daí – o domínio da ciência, da Razão e do verosímil; (3) e depois, o terceiro discurso, o de Estesícoro, o discurso dialéctico, que parte do mais baixo e instintivo, do delírio ou *loucura divina*, do desejo, para a visão sensível, para a observação da natureza, que percorre as hipóteses e realiza uma ou outra demonstração pela *dianóia*, e, depois, por anulação das hipóteses em confronto com a *realidade de facto*, como que concluindo, entra no mundo das contradições e da sua resolução dialéctica, e aqui, e só aqui, o leitor ou ouvinte, pode alcançar o prazer inteligível, a iluminação da consciência, a essência do Amor humano.

Em consequência, só no terceiro discurso se atinge a beleza do Amor, o Belo (a Arte). Noutros casos, poderia ser a Justiça (ideal, distributiva), o Bom, a qualidade da acção humana, social e política. Contudo, aqui no *Fedro*, o exemplo, foi o Amor, pois o Amor, não sendo o tema do livro, é o tema comum aos três discursos incluídos no *Fedro*. Aqui concorre a oratória com a poesia (*noética superior* – a metáfora – como verificámos na *República*), e ambas se fundem para atingir a Verdade do Amor, a sua Sabedoria, inatingível pela *Ciência*, pela Razão.

Como reconhecem os dois interlocutores, Fedro e Sócrates (e portanto Platão): nada nem ninguém pode ultrapassar a Sabedoria sobre o Amor que aqui foi alcançada

com este terceiro discurso. Poderá, contudo, esta Verdade, a Sabedoria do Amor, vir a ser alcançada com outro discurso dialéctico, com outras *imagens*, até com outras palavras, mas jamais a Ciência (a Razão) poderá alcançar tamanha Sabedoria!

Depois da dialéctica exemplificada no discurso, depois da análise e tratamento da abordagem dialéctica do tema do discurso retórico, com a recusa dos formalismos, da adulação, da mascarada dos tribunais, etc., encontramos a exposição dos aspectos a ter em conta com a construção do discurso, a criação da forma, e finalmente, o cuidado a ter com as formas cristalizadas do discurso, a escrita; o autor adverte que o texto do discurso se deve formular de forma que este se possa vir a defender a si próprio, como se o seu autor aí estivesse sempre presente.

A repetição é, no *Fedro*, um dos modos de alcançar uma plataforma estável para a ideia que se desenvolve no livro: a dialéctica no discurso retórico. O objecto dos três discursos é o mesmo, é o Amor, e para a análise dos discursos repetem-se na estrutura do livro, as estruturas do discurso dialéctico (Estesícoro), e até, por mais de uma vez, se repete o texto inicial do primeiro discurso, como exemplo da análise. A repetição faz parte do processo pedagógico incluído na construção desta peça didáctica de acompanhamento de estudo e aprendizagem.

No livro, Platão sublinha uma ideia a reter para a dialéctica, e muito em especial para a técnica do *discurso retórico* baseado na dialéctica, uma ideia que Fedro pede a Sócrates que volte a repetir para melhor ser lembrada (265d-e, 273e, 277b-e), que já antes tinha ficado concretizada no próprio discurso de Estesícoro, e que aqui resumimos, numa espécie de listagem com as *regras de ouro* de Platão para a *Técnica da Retórica*.

Quem pretender fazer um bom discurso retórico deve:

1 – Conhecer a verdade dos assuntos sobre os quais pretende falar ou escrever; e (a) que seja capaz de *reduzir a uma ideia única, que se possa abarcar de um relance, as várias realidades dispersas por muitos pontos* (tópicos); isto é, que ele seja capaz de definir essa mesma ideia em cada um dos assuntos a tratar, mas que, pela definição, em cada unidade se possa tornar evidente cada um dos tópicos; (b) e, uma vez que tudo tenha sido condensado numa única ideia, *que se saiba dividir de novo em diferentes espécies, segundo as articulações naturais, até atingir o indivisível, mas de modo a não provocar rupturas, como faz o carneiro inexperiente;*

2 – Conhecer a natureza humana, a sua alma (o espírito humano), caracterizando os seus tipos ou espécies; (a) que se encontre, depois de a analisar do mesmo modo que referimos no ponto um, para cada tipo ou cada espécie de alma, a forma apropriada de discurso; e (b) *em seguida, se disponha e ordene em conformidade o discurso, oferecendo à alma complexa discursos complexos e com toda a espécie de harmonias, e simples à alma simples.* Concluindo: (273e) *se uma pessoa não puder fazer a lista completa das diversas naturezas de quem vai escutar, se não for capaz de dividir os seres segundo as suas espécies, e de reduzir cada uma dessas espécies a uma só ideia, jamais será um bom técnico da oratória.*

Seguindo ainda Platão, devemos juntar a estas duas regras, outras duas.

Uma terceira, respeitante ao *discurso escrito*, um discurso que por si só, se deve poder defender a si mesmo (demonstrar por si próprio, calando o atacante), e saber responder ao atacante pela voz do próprio autor.

(Por exemplo, deixando ao leitor uma deixa que leve à recordação: *Livro meu, que esperas tu? Porém, te rogo que, quando o ignorante malicioso te repreender, que lhe digas: se meu Mestre aqui estivera, tu calaras*).

3 – Neste ponto somos obrigados a uma breve introdução.

Para se deixar escrito um discurso, deve-se reconhecer que a escrita, como a pintura, – hoje também a fotografia, o cinema e o audiovisual – é mais um suporte para a recordação, que *aos estudiosos vai oferecer a aparência de sabedoria e não a verdade*, e que, recebendo estes uma grande quantidade de informação aparente, poderão não sentir necessidade de conhecer a história – do *universo escrito*, do instantâneo – de cada momento, e *considerar-se-ão muito sabedores*.

Assim, aquele que pretender escrever um *discurso vivo*, deve considerar ser a escrita muito semelhante à pintura, pois como *os produtos desta*, os textos escritos *permanecem como seres vivos (...)*. Mas, *se lhes perguntares alguma coisa, respondem-te com um silêncio cheio de gravidade (...)*. Poderá parecer-te que o pensamento como que anima o que dizem; no entanto, se movido pelo desejo de aprender, os interrogares sobre o que acabam de dizer, revelam-te uma única coisa e sempre a mesma. E, uma vez escrito, todo o discurso rola por todos os lugares, apresentando-se sempre do mesmo modo, tanto a quem o deseja ouvir como ainda a quem não mostra interesse algum, e não sabe a quem deve falar e a quem não deve. Além disso, maltratado e insultado injustamente, necessita sempre da ajuda do seu autor, uma vez que não é capaz de se defender e socorrer a si mesmo (275d-e).

Podemos então apresentar a terceira regra:

(a) que se encontre o modo de escrever o *discurso vivo e animado*, esse que é capaz de se defender a si próprio, que sabe falar e ficar silencioso diante de quem convém. Aquele que, nos jardins da escrita, segundo parece, se semeia e escreve por divertimento; e sempre que se escreve entesoura recordações para si.

(b) tendo então presente que a ocupação nestas matérias se torna muito mais bela, quando alguém, usando a técnica da dialéctica, e tomando uma alma apta, planta e semeia com discernimento discursos que são capazes de vir em socorro de si mesmos e de quem os plantou, (277a) que não ficam improdutivos, mas possuem gérmen, donde, em índoles diferentes, nascem outros discursos, capazes de tornar para sempre esse gérmen imortal e de conceder – dentro das limitações humanas – o mais alto grau de felicidade a quem o possui.

E por fim, uma quarta regra:

4 – Ninguém pense que lhe basta conhecer as técnicas e as regras na maior perfeição (268b-269a), há que conhecer a prática, e a prática teórica, adquirir a experiência, e mais ainda: toda a sua produção há de ter origem no seu íntimo,

passar pelo delírio dos seus desejos, pela sua sensibilidade, pelo sentido da realidade, observação, experiência, etc., num movimento de ascensão (naquela *linha dividida na vertical*), desde a sua parte inferior, até atingir o nível mais alto do inteligível. Todo o discurso terá portanto cabeça, tronco e membros, terá princípio e será organizado consoante a *técnica* que melhor se adequar ao tema, e a quem se destina. E, se se destina a todos, que *se disponha e ordene em conformidade o discurso, oferecendo à alma complexa discursos complexos e com toda a espécie de harmonias, e simples à alma simples.*

*Todas as técnicas que são grandes – todas as que ascendem ao espírito (nous) à Sabedoria, ao Belo, ao Bem, pela dialéctica e pela Arte – exigem loquacidade e altas especulações sobre a natureza [a realidade concreta, material, social – a natureza humana sempre incluída], pois é de algures daí que parece derivar a concepção mais sublime, assim conduzindo à sua inteira realização (270a).*

Ao longo de todo o texto do *Fedro* ficou expressa, uma manifesta e constante ironia sobre o recurso aos deuses, a influência das Ninfas, e a inspiração das *Musas* ao filósofo, tanto como ao poeta, assim ironizando com *a opinião da maioria*, e com o *senso comum*, comparando estes com uma *aparência da verdade*, com o *verosímil*, com um falso e enganador reflexo do Saber.

Para esta ironia constante, alerta Platão logo no início, depois de Fedro perguntar a Sócrates: *não é de algures de aqui do Ilissos que se conta ter Bóreas raptado Oritia? (...) tu acreditas que essa lenda é verdadeira?*

Sócrates respondendo que poderia até argumentar com outras versões da lenda, enveredando por grandes emaranhados de tramas, e reconstituição de *multidões de seres prodigiosos, e o absurdo de outros tantos monstros lendários*, opta por afirmar que *não tem tempo para essas coisas. E a razão, meu amigo, aqui a tens, ainda não fui capaz de me conhecer a mim mesmo, como manda a inscrição délfica. Parece-me ridículo, sem ter ainda esse conhecimento, dedicar-me ao exame do que me é estranho. Em face disso, deixando pois essas lendas de parte e aceitando a tradição sobre elas, eu, como ainda agora dizia, não as examino a elas, mas a mim mesmo.*

Voltamos por fim a lembrar, que, tanto o *Fedro*, como *Hípias (Maior e Menor)*, como *Íon*, como muitos outros textos do autor, são textos didácticos, que foram escritos como Platão recomenda aos outros, sempre que o que escrevem se destine ao ensino dos jovens.

[Sócrates] (276a) *Aquele que com sabedoria se escreve na alma do discente, esse é capaz de se defender a si próprio e sabe falar e ficar silencioso diante de quem convém.*

[Fedro] *Referes-te ao discurso de quem sabe, o discurso vivo e animado, de que o escrito se poderia considerar justamente uma imagem?*

[Sócrates] *Absolutamente!*